



Apresentação

“Um espectro ronda a Europa – o espectro do comunismo. Todas as potências da velha Europa aliam-se numa sagrada perseguição a esse espectro, o Papa e o Czar, Metternich e Guizot, radicais franceses e policiais alemães”. Esse trecho foi escrito por Karl Marx e Friedrich Engels, em “O Manifesto Comunista”, de 1848, para evidenciar a expansão e o medo do comunismo e as alianças para atacar qualquer ideia, pessoa ou coisa identificada com ele. Passados tantos anos, no Brasil, o comunismo continua a amedrontar diversos grupos, os levando a produzirem alianças abertas e veladas na caça ao comunismo e ao seu principal teórico.

Por que eles têm medo de Marx na escola? É a partir desta indagação que um conjunto de professores(as)-pesquisadores(as) sistematizam, de forma acessível aos não especialistas, aspectos que visam esclarecer algumas das principais motivações em torno do medo e das perseguições a Karl Marx e às suas ideias.

Esta obra não propõe asseverar que o pensamento de Marx não deva ser honestamente confrontado – o que é salutar para qualquer teoria –; não se tratando de um livro que possa ser racionalmente classificado como dogmático; embora, irracionalmente e antes mesmo de ser lido, será. O(A) leitor(a) atento(a) observará que o livro versa sobre uma questão que tem gerado o cerceamento do direito de acesso à parte importante do conhecimento produzido nas Ciências Humanas e da Filosofia, reprimindo a capacidade de reflexão dos estudantes sobre o mundo social. Sobre o discurso da liberdade de expressão e de uma escola livre de ideologia, busca-se silenciar as interpretações marxistas da sociedade moderna.

Caro(a) leitor(a), um *spoiler* é necessário para apresentar esta obra por ser uma questão central para compreendermos a natureza dos ataques



desferidos a Karl Marx: sua teoria desvela o processo de alienação e as relações de dominação e exploração presentes nas mais diversas sociedades, especialmente na sociedade capitalista. Sabendo isso, se torna relativamente claro a quem interessa a exclusão do pensamento marxista nos currículos escolares brasileiros.

O pensamento de Marx não interessa a quem está em condição velada de explorador, já que lança luz a esse estado. Mais ainda, pode gerar o reconhecimento dos explorados como tal, os unindo em prol de transformação da estrutura social. O desconhecimento da situação de exploração é fundamental para a sua manutenção, tendo sido o acesso aos saberes historicamente cerceados aos escravos, plebeus, servos, oficiais-artesãos e proletários. Por isso, para alguns grupos, nossos(as) estudantes, em sua grande maioria, filhos(as) de explorados(as) da sociedade capitalista – e herdeiros(as) dessa condição – não devem ter acesso ao conhecimento, especialmente ao pensamento marxista.

Como a natureza das motivações de tal temor e perseguição oscila conforme o grupo social, optamos por organizar esta obra a partir de cinco capítulos; em cada um, com exceção do primeiro, é dada atenção especial a um grupo social, sendo eles: a burguesia, os proprietários dos meios de comunicação, os políticos profissionais e os religiosos.

O primeiro capítulo, de nossa autoria – Cristiano das Neves Bodart e Nildo Viana –, intitulado *Karl Marx na escola brasileira*, é um texto mais geral, não centrado em um grupo específico. Nele refletimos sobre dois pontos: a) como alguns dos conceitos marxistas vêm integrando os conteúdos escolares (ou orientando suas exposições) e o que eles suscitam no processo de ensino-aprendizagem; e b) como a recepção deformada do pensamento de Karl Marx na escola contribui para a ampliação do medo e dos ataques a esse teórico social.



O segundo capítulo, intitulado *A burguesia e o medo de Marx na escola*, é de autoria de Erlando da Silva Rêses e Cristino Cesário Rocha. Os autores argumentam que a base do medo da presença do pensamento de Marx nas escolas é que sua teoria é crítica e anticapitalista, capaz de evidenciar as contradições e os antagonismos entre capital e trabalho, colocando em xeque as relações sociais no contexto do capitalismo. Argumentam ainda, que o cerceamento do pensamento de Marx nas escolas é uma atitude não só anticomunista e antimarxista, mas também antidemocrática. Um terceiro argumento presente nesse segundo capítulo é que a escola, embora ajustada aos ditames do capital, pode repensar o seu papel de reprodutora social para proporcionar autonomização aos(às) vitimados(as) por relações de opressão, exploração e desumanização.

Sidnei Ferreira de Vares é autor do terceiro capítulo, intitulado *A grande mídia e o medo de Marx na escola*. Vares argumenta que o medo de Marx no Brasil se funda na associação de seu pensamento às demonizações dos regimes socialistas reais, a negação das tradições religiosas e dos valores cristãos e sua oposição aos ideais liberais. Sendo a grande mídia porta-voz da visão liberal-conservadora, se coloca em oposição à presença de Marx nas escolas. Nesse terceiro capítulo, o(a) leitor(a) estará se deparando com o argumento de que sendo a grande mídia pertencente a mesma classe ou a fração de classe que detém os meios de produção, é difícil de imaginar que ela permitirá passivamente que nas escolas as relações de produção sejam temas a serem examinados de forma crítica.

O quarto capítulo, intitulado *Os políticos profissionais e o medo de Marx na escola*, é de autoria de Edmilson Marques. Embora o medo de Marx nas escolas envolva indivíduos de distintas classes, grupos e setores da sociedade, o foco de Marques é discutir especificamente sua presença entre os políticos profissionais. O argumento central funda-se no fato dos políticos profissionais assimilarem interesses, objetivos, valores e modo de pensar da



classe burguesa. Como a burguesia não deseja o questionamento de sua posição de dominação, os políticos profissionais tendem a empreender ataques a qualquer prática docente que julgam se aproximar do pensamento marxista. As ações de políticos profissionais vinculados ao Movimento Brasil Livre (MBL), de vigiar a atacar professores(as), é um exemplo claro do que expõe Marques nesse capítulo.

Por fim, o quinto capítulo, intitulado *Os religiosos e o medo de Marx na escola*, é de autoria de Luiz Claudio Duarte e Zuleide Simas da Silveira. Nele, o(a) leitor(a) irá se deparar com o seguinte argumento: sendo o pensamento de Marx fundado na dialética materialista, elucidando os fenômenos a partir das bases materiais, os esforços explicativos a partir da metafísica (o sobrenatural) não encontrará espaço nessa forma de pensar (nem em nenhum outro pensamento científico), ameaçando as explicações encantadas do mundo e a crença na promessa da felicidade descolada na vida material e real, o que é uma ameaça ao domínio dos religiosos sobre os (seus) fiéis.

Assim, esta obra reúne leituras diversas que visam apresentar pontos de vistas que provocam a reflexão sobre os aspectos que geram medo do marxismo nas escolas brasileiras. Como organizadores da obra, deixamos claro nosso posicionamento em defesa do direito de acesso aos conhecimentos produzidos pela Filosofia e pelas Ciências Humanas, sendo a escola – a despeito das críticas que temos a ela – o principal *locus* contemporâneo de contato sistemático com os saberes já elaborados por grandes pensadores, tal qual o alemão Karl Heinrich Marx (1818-1883).

Esperamos que a leitura lhe seja provocativa ao pensar.

Cristiano das Neves Bodart
Nildo Viana